

O Orientalismo em Maria Ondina Braga

CELINA VEIGA DE OLIVEIRA *

RESUMO: “Orientalismo em Maria Ondina Braga” é um ensaio que procura analisar o modo como a escritora Maria Ondina Braga observou a realidade extremo-oriental, bem como a eventual filiação dessa análise na perspectiva de Edward W. Said.

Maria Ondina Braga nasceu em Braga, a conhecida cidade dos arcebispos, então marcadamente católica e preconceituosa, do Norte de Portugal.

Concluídos os estudos, foi dar aulas para Angola, colónia portuguesa, na década de 50 do século XX, de onde saiu com o despontar dos nacionalismos africanos (1961). Em Goa, outra colónia portuguesa, permaneceu escassos meses, devido à entrada das tropas indianas em Dezembro de 1961. Partiu então para Macau, enclave português do sul da China, onde chegou no final desse ano.

Da sua extensa bibliografia, avultam as obras que dedicou a Macau e à China: *Eu Vim Para Ver a Terra* (1965), *A China Fica ao Lado* (1968), *Estátua de Sal* (1969), *Angústia em Pequim* (1984) e *Nocturno em Macau* (1991).

Macau e as suas gentes constituem o *leit-motiv* privilegiado dos seus escritos. Mas foi a comunidade chinesa o húmus que adubou a sua escrita.

Maria Ondina Braga seduz o leitor com uma linguagem intimista, muitas vezes poética, conduzindo-o para um universo vivencial já inexistente, mas que ainda preserva muito dos valores axiais da cosmologia chinesa.

A sua obra reconhece que a realidade do ‘Outro’ tinha de ser observada por um olhar limpo, igual, sem espelhos, para que a imagem saísse despojada de artifícios. Aproximou-se, neste sentido, de Edward W. Said e da sua denúncia da artificialidade dicotómica e intencional, que, como teorizou, o Ocidente impôs ao Oriente. Por isso, este ensaio tem também o propósito de celebrar Edward Said, escritor inteligente e arguto, que abriu ao mundo intelectual novas esferas de reflexão e de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Orientalismo; Said; Ondina; Macau; China.

Introdução

Portugal conta-se entre as nações da Europa que estabeleceram espaços coloniais em vários continentes. O Oriente abriu-se aos portugueses em 1498, com a

descoberta do caminho marítimo para a Índia, por Vasco da Gama, e fechou-se em 1999, com a transferência da responsabilidade administrativa de Macau para a República Popular da China. Nesses territórios, que se

*Licenciada em História pela Universidade de Coimbra (1970). Em Macau (1980-1999), foi Professora no Liceu Nacional Infante D. Henrique, na Escola do Magistério Primário e no Instituto Politécnico de Macau, onde leccionou História de Macau e História das Relações da China com o Ocidente. Autora de vários ensaios sobre História de Macau. Livros publicados: *Camilo Pessanha, o Jurista e o Homem*; *Macau - Uma História Cultural*; *Carlos D'Assumpção - Um Homem de Valor*. Comendadora da Ordem de Santiago de Espada. Vice-presidente da Comissão Asiática da Sociedade de Geografia de Lisboa.

BA Hons in History by the University of Coimbra (1970). In Macao (1980-1999), she was lecturer at Infante D. Henrique National High School, at the School of Primary Teacher Training and at the Macao Polytechnic Institute, where she lectured Macau History and the History of Chinese Relations with the West. Author of various essays on Macau History, she published several books, among which: Camilo Pessanha, o Jurista e o Homem; Macau - Uma História Cultural; Carlos D'Assumpção - Um Homem de Valor. Commandeer of the Order of Santiago de Espada. Vice-president of the Asian Commission of Geographic Society of Lisbon.

ORIENTALISMO



Maria Ondina Braga em Macau, anos 60 - Espólio de MOB.

cruzaram durante séculos com a história portuguesa, o conhecimento directo das comunidades orientais multiplicou-se por vários domínios científicos, produzindo conteúdos que hoje constituem um património muito valioso para a análise do que se convencionou chamar Orientalismo. A história, a literatura, a filosofia, as crenças, os usos e costumes, a política, a administração da justiça, são esferas de informação, entre tantas outras, que nos foram sendo legadas numa perspectiva comparatista: o que “nós” somos e o que “os outros” são.

O livro *O Oriente no Ocidente*, de Jack Goody,¹ é um bom começo para abordar o tema do Orientalismo. Nele, este historiador britânico deixou explanado o que apelidou de “problema oriental” do Ocidente. Este conceito surgiu com a consciencialização de um sentimento de superioridade dos europeus sobre as sociedades e civilizações orientais, que tomou forma sobretudo a partir dos finais do século XVIII, quando a

Europa – leia-se Inglaterra, a grande nação imperialista – dominava o mundo. A Europa ocidental entrou, então, num período de crescimento auto-sustentado, o que fez a Ásia, comparativamente à realidade europeia, parecer estática, imóvel, hierática.

Segundo Jack Goody, os historiadores e os economistas que defendiam a existência de um fosso cada vez mais acentuado entre o Ocidente e o Oriente consideravam que tal facto advinha, entre outros factores, da capacidade de evolução deste lado do mundo, que lhe proporcionou o que chamaram de “milagre económico” do Ocidente. Tal “milagre” resultava da combinação entre o legado humanista, que sustentava a nossa cultura, e a procura pós-renascentista de uma racionalidade no conhecimento e na economia. Em contraponto, a História do Oriente conduziu os seus povos a “*um tipo oriental estagnante de sociedade, por outras palavras, à singularidade asiática*”.²

ORIENTALISM

Jack Goody teve o propósito de desmontar a visão etnocêntrica sobre a realidade oriental, denunciar os erros dos discursos anteriores e considerar que uma análise comparativa falseada entre o Oriente e o Ocidente afectava também a própria compreensão que o Ocidente tinha de si próprio. Num propósito de realçar a sua sintonia de opinião com o autor, a Nota de Apresentação da edição portuguesa considera, por isso, que *O Oriente no Ocidente* constitui *uma das análises mais sistemáticas e completas sobre os erros de perspectiva que têm minado as teorias ocidentais relativas à evolução social e ao desenvolvimento económico dos países da Ásia, criticando as explicações apresentadas por alguns dos autores mais proeminentes da sociologia, da antropologia ou da história dos últimos dois séculos, interessados em justificar a superioridade do Ocidente.*³

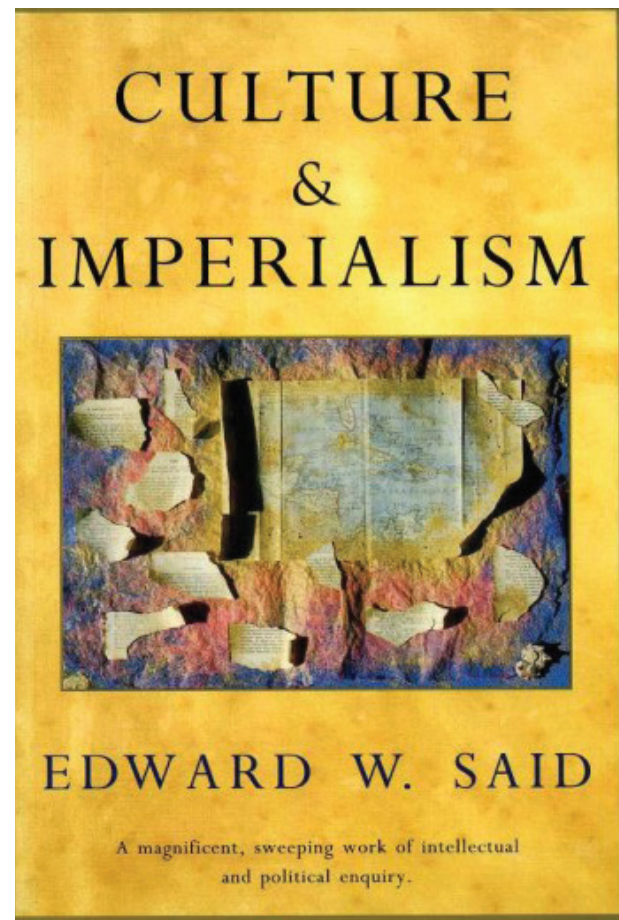
A consciência de que os estudos orientais europeus dizem mais da história da Europa do que do Oriente em si mesmo não era nova. Em 1978, Edward Said publicara uma obra, hoje clássica – *Orientalismo. Representações Ocidentais do Oriente* –, que abriu o tema da visão distorcida que o Ocidente criou do Oriente. Em traços muito gerais, Edward Said veio afirmar o seguinte:

a) A supremacia do “saber” dos europeus sobre os não-europeus – que Ronald Inden, académico estudioso das culturas da Ásia meridional, designou como *saber imperial* – resultava do domínio e da prática coloniais, que aplicaram as grelhas europeias de análise na observação das comunidades orientais. *A Europa, que dominava o mundo, dominava também as técnicas intelectuais de dominar a realidade, combinando o imperialismo político com o imperialismo gnoseológico.*⁴

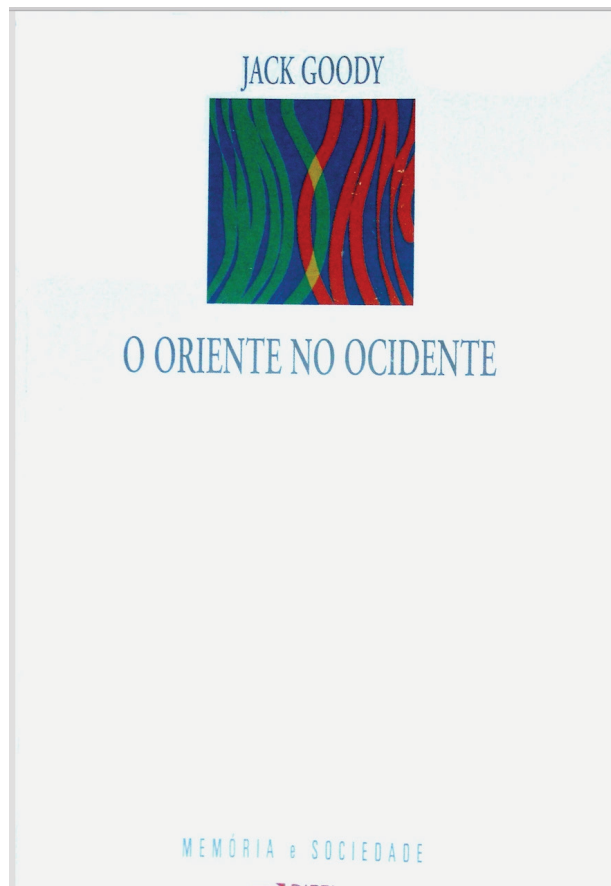
b) O termo Orientalismo não é um termo unívoco, referindo-se a muitos aspectos relacionados com o interesse, o estudo, a inspiração que o Ocidente recebeu ou manifestou pelo Oriente, tendo-se alargado com o tempo o seu leque semântico.⁵

c) *O Orientalismo não é uma simples área ou tema político com um reflexo passivo na cultura, no âmbito erudito ou nas instituições; nem representa ou*

*manifesta uma vil conspiração imperialista «ocidental» que pretende oprimir o mundo «oriental». É, antes, a distribuição de consciência geopolítica por textos estéticos, eruditos, económicos, sociológicos, históricos e filológicos; (...) é uma certa vontade ou intenção de compreender, nalguns casos de controlar, manipular, ou até de incorporar, aquele que é um mundo manifestamente diferente (ou alternativo e novo); é acima de tudo um discurso que de modo algum se relaciona em correspondência directa com o poder político, mas que é produzido e existe numa troca desigual com diferentes tipos de poder (...). Efectivamente, o meu argumento é de que o orientalismo é – e não se limita a representar – uma considerável dimensão da moderna cultura político-intelectual e, neste sentido, tem menos a ver com o Oriente do que com o “nosso” mundo.*⁶



ORIENTALISMO



Como considerou Filipa Lowndes Vicente, *desde finais do século XVIII, quando o termo [Orientalismo] se banalizou, até 1978, data de publicação do livro de Said, o discurso orientalista deve ser entendido como uma abordagem heterogénea que inclui uma variedade de posições, uma multiplicidade de sentidos que podem mesmo conter conflitos e contradições*, concluindo que, a partir do momento em que a palavra Orientalismo se tornou no título de um livro, nunca mais foi possível usá-la de modo inconsciente ou acrítico.⁷

Embora o conteúdo do livro se concentrasse no mundo árabe, Edward Said voltou ao tema do Orientalismo numa obra posterior, *Culture and Imperialism*, onde retomou a crítica implícita, o preconceito patente no olhar do Ocidente sobre o Oriente. Neste livro, este intelectual deu *mais protagonismo a outros espaços coloniais e às formas de*

*resistência do mundo não europeu face às diferentes formas de dominação ocidental.*⁸ Se o imperialismo consolidou o cruzamento de culturas e de identidades à escala global, o seu pior e mais paradoxal legado foi permitir às pessoas acreditarem que elas eram *unicamente, principalmente, exclusivamente, brancas, ou pretas, ou ocidentais ou orientais. Assim, do mesmo modo que os seres humanos constroem a sua história, criam também a sua cultura e a sua identidade étnica. Ninguém pode negar as persistentes continuidades de longas tradições, habitações sustentadas, línguas nacionais e geografias culturais, mas parece não haver razão, excepto o medo e o preconceito, para continuar a insistir na sua separação e distinção, como se isso resumisse tudo o que existe sobre a vida humana. Sobrevivência alcança-se, de facto, pela conexão entre as coisas.*⁹ E para reforçar esta convicção, Edward Said apoia-se no poeta T. S. Elliot que afirmou que a realidade não podia ser privada dos “*outros ecos [que] habitam o jardim*” - (*Quatro Quartetos*).¹⁰

Maria Ondina Braga – uma escritora intercultural

Há circunstâncias que aproximam Edward Said e Maria Ondina Braga.¹¹

Mas, na linha do filósofo espanhol Ortega y Gasset – “eu sou eu e a minha circunstância” –, a circunstância das suas existências fê-los produzir obras diferentes. Said, que se dedicou à causa palestina, militou na denúncia do enviesamento do olhar do Ocidente sobre o Oriente, embora a fixação da sua análise não atingisse, como já referido, o mundo extremo-oriental. Ondina, que construiu a sua identidade num tempo em que as normas de comportamento (sociais, políticas, religiosas e literárias) estavam condicionadas por um poder ditatorial em que tudo era programado e não havia lugar a desvios, seguiu outro percurso.

Maria Ondina Braga nasceu em Braga, a conhecida cidade dos arcebispos, marcadamente católica e conservadora, do Norte de Portugal, numa época em que à mulher portuguesa era consentida limitada capacidade de decisão e de autonomia. Para fugir a este ambiente claustrofóbico e anti-cosmopolita

ORIENTALISM



Espaço Maria Ondina Braga - Museu Nogueira da Silva - Arquivo do MNS

da cidade natal, foi estudar línguas e literaturas francesas e inglesas, em Paris e Londres, respectivamente, o que a habilitou para ser tradutora de grandes autores, actividade que aliou supletivamente à de professora, a sua profissão nuclear.¹² Concluídos os estudos, foi, na década de 1950, dar aulas para Angola, então uma colónia portuguesa, de onde saiu com o despontar dos nacionalismos africanos (1961). Mas foi aí, nas terras úberes do “escuro continente”,¹³ que Ondina sonhou *os mais puros, os mais ardentes sonhos telúricos*.¹⁴ Um novo percurso de vida levou-a a um outro continente, desta vez o asiático. De Goa, também colónia portuguesa, descreve-nos *a terra cor de barro, o céu azul-vidrado espelhando-se nos rios, os leques dos coqueiros, as mulheres de sari e boca tingida*.¹⁵ Mulher lunar, são as noites e o entardecer o seu momento de êxtase, porque, *em Goa, a noite pertence a Deus*.¹⁶ Porém, escassos meses após a sua chegada, foi aconselhada a sair, porque as tropas indianas tinham invadido aquele chamado Estado português. Sobre mais esta circunstância histórica,

quase uma fatalidade que a perseguia, escreverá mais tarde que, onde quer que chegasse, enfrentava sempre o conflito e a falência.

Maria Ondina Braga partiu para Macau, enclave administrado por Portugal no sul da China, onde chegou no final de 1961. Viveu neste território um período de paz, que lhe permitiu adquirir alguma serenidade, sempre por si tão intensamente procurada, e lhe deu o sentimento epifânico de ver e de descobrir o “outro”, o universal, o mesmo que existe espalhado pela Terra inteira. Nos primeiros anos da década de 60 pairava em Macau um ambiente de silêncio, de ‘limbo’ da história. As comunidades portuguesa e chinesa procuravam esquecer, na sua vida de todos os dias, a turbulência vivida durante os anos da Guerra do Pacífico, quando o pequeno território funcionou como um espaço de sobrevivência para refugiados, a fundação da República Popular da China, em 1949, e o conseqüente corte de relações diplomáticas por parte de Portugal, e a ameaça do nacionalismo chinês

ORIENTALISMO

do outro lado da Portas do Cerco, num claro aviso de que Macau era parte integrante da grande China. Foi este o ambiente que Maria Ondina Braga vivenciou e foi nesse contexto de aparente tranquilidade que a sua alma se revelou literariamente.¹⁷

Da vasta (e premiada) bibliografia que nos legou, avultam as obras sobre Macau e sobre a China: *Eu Vim Para Ver a Terra* (1965), *A China Fica ao Lado* (1968), *Estátua de Sal* (1969), *Angústia em Pequim* (1984), *Nocturno em Macau* (1991). Numa entrevista a um canal televisivo, Maria Ondina Braga sustentou que a sua preferência pela comunidade chinesa assentava numa evidência: *Macau é China por todo o lado. (...) Viver em Macau é a mesma coisa que viver na China.*¹⁸

Em 1968, irrompeu em Portugal o seu livro de contos *A China Fica ao Lado*. O conto – “a escrita breve”, como lhe chamou Italo Calvino¹⁹ – caracteriza-se por uma dimensão económica da narrativa, que se multiplica por outros elementos igualmente restritos. As personagens, a acção, o tempo, o espaço, são categorias atingidas por uma necessária concentração, resultando numa narração intensa e produzindo um efeito de unidade (próximo do conceito de *unity of effect* de Edgar Allan Poe). Este cânone normativo do conto é muito bem interpretado por Maria Ondina Braga. Num tempo em que o conto, como género narrativo, não tinha ainda alcançado o patamar que, depois da atribuição do Prémio Nobel a Alice Munro, em 2013, passou a ter, foi com o livro de contos *A China Fica ao Lado* que Maria Ondina Braga começou a ser olhada com respeito e com «admiração», expressão usada pelo escritor bracarense Tomaz de Figueiredo para caracterizar a obra *Estátua de Sal* no prefácio que lhe dedicou.

Curiosamente, 1968 é o último ano do consulado salazarista (embora não da ditadura). Viviam-se os tempos traumáticos da guerra colonial e da ameaça de desmembramento do que restava do ‘império português’. Acossado interna e externamente, o regime vedava, à discussão pública, o tema do colonialismo. Mas Macau foi



Capa - Livro de Maria Ondina Braga - Espólio de MOB.

sempre uma entidade política *sui generis*, integrada numa geografia civilizacional que aos olhos do Ocidente tanto tinha de desconhecida como de mal conhecida. Era um território onde os códigos de domínio nunca atingiram os patamares existentes em outros espaços coloniais. A relação de poder entre administrante e administrado estava atenuada pelo compromisso, pela prática secular de convivialidade, o que constituiu *a chave de uma permanência constante de quase meio milénio, onde os conflitos acabaram, afinal, por não fazer grande 'história'*.²⁰ Esta situação herdada do tempo clamava pela leitura de uma escritora arguta e inclinada a observar o real.

A China fica ao lado – contos

O que ressalta deste livro de contos? Em primeiro lugar, o título, *A China Fica ao Lado*, e a advertência implícita que lhe está associada: a China

ORIENTALISM

é uma civilização diferente, é outra civilização, que arrasta consigo o peso enorme da sua história. Chineses e portugueses construíram em Macau uma dualidade sociológica que importava analisar, nunca devendo o lado de cá, do Ocidente, esquecer que a fonte civilizacional do ‘Outro’, do diferente, ficava ali mesmo “ao lado” e não podia ser ignorada. Depois, o conteúdo dos próprios contos. A China maoísta ainda não começara a reclamar a alteração do estatuto político do enclave português e Macau e as suas comunidades agradeciam esse ‘alheamento’. O tempo e o modo de resolução da “questão de Macau” haveria de ser definido pela Grande China, quando lhe aprouvesse, como veio a acontecer.²¹

O mesmo não se passava, porém, do outro lado da *Porta do Cerco*, a fronteira terrestre entre os dois espaços políticos. A implantação da República Popular da China, em 1949, originara convulsões sociais que obrigaram multidões de chineses a procurar refúgio no exterior. Macau passou a ser um porto de abrigo para *uma aristocracia chinesa proletarizada em tudo, exceptuando o cuidado com a cultura e com a educação e aparentemente desprovida de contactos e de influências*.²²

No conto «A China fica ao lado», que dá título ao livro homónimo, Maria Ondina Braga centrou a sua atenção num duplo drama: por um lado, o de uma avó, aristocrata do Norte, de pés ligados, polida e falante de mandarim, que seguia a neta, acompanhando-a para todo o lado e inculcando-lhe os valores identitários da sua cultura ancestral: *Ia buscá-la à escola. Receosa de que esquecesse a língua-mãe, dava-lhe lições à noite, à luz de azeite de coco, pelo livro dos filósofos*.²³ Por outro, o drama da neta, vítima da vulnerabilidade a que estão sujeitas todas as pessoas atingidas por convulsões sociais e obrigadas por isso a emigrar. Mas, esquecendo-se de si própria e do seu sofrimento, a neta fixava-se na imagem das gargalhadas dos militares a desatarem os pés da avó: *Pobre pés estropiados! (...) Um orgulho, essa avó de sapatinhos de cetim no pezinho de fada*.²⁴

O tema dos pés ligados é também versado no conto “Fong-Song”. Uma velha moribunda, de pés atados, Sam-Ku de seu nome, significando Filha Terceira, pediu ao neto, em dia de tufão, que a deixasse morrer *nas frágeis tábuas que a haviam acolhido dos naufrágios da vida, no fân-sium*²⁵ *sobre as águas do rio – único chão fiel aos seus trôpegos passos*.²⁶ O neto, pescador, que, como a avó, se refugiara em Macau, tudo faz para cumprir a sua última vontade. Nascido no fundo de uma sampana, pouco importando o local onde isso acontecera, nunca se considerara um exilado. *Chinês, sim. Chinês da terra grande, do vasto mundo amarelo que cobria um quarto do globo terrestre*²⁷ – frase que prova que a autora entendeu verdadeiramente a essência da alma chinesa: o orgulho e o amor à terra natal.



Maria Ondina Braga em Macau, anos 60 - Espólio de MOB.

ORIENTALISMO

Em “O homem de meia vida”, outra realidade ressalta: a do dono de uma casa de antiguidades que só existia completamente depois de haver provado *o néctar dos deuses* que o transfigurava, lhe dava vida *no meio das preciosidades, eloquente, eufórico, sôfrego de beleza, senhor todo poderoso de um mundo imaterial*.²⁸ Um ser que, como Camilo Pessanha, só vivia depois do ópio. Há neste conto um paralelismo com o que escreveu em *Eu Vim Para Ver a Terra: Penso em Camilo Pessanha, triste, enigmático, a arrastar por estas vetustas ruas a sua desgraça de poeta e de opiômano – Pessanha que os chineses chamavam de “morto-vivo” (“pune-tio-iane-mean”, à letra, “homem de meia vida”)*.²⁹

Sempre o desfilar de dramas individuais, como o do conto “Os lázaros”, onde a jovem A-Mou, internada na leprosaria da ilha de Coloane, renasce *quando o Sol descia sobre o mar, e o morro, ao cabo da ilha, era um archote flamejante*.³⁰ A-mou acreditava no futuro. Bastava, para isso, curar as rosetas de lepra.



Maria Ondina Braga na sua casa de Benfica, Lisboa, anos 90 - Espólio de MOB.

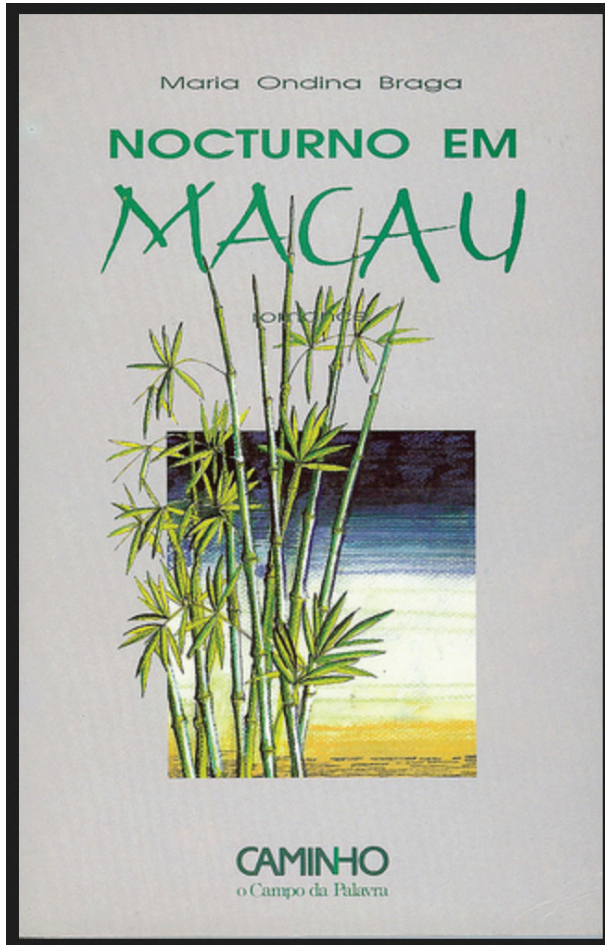
Não partilhava com as colegas de infortúnio o gosto pela tagarelice. O seu mundo era outro, vislumbrar a vida para além da leprosaria, a volta dos barcos da pesca, a noite a poisar na terra. Conheceu o amor na pessoa de um jovem, também leproso, que se curou. Mas ela, apesar de o futuro se afastar cada vez mais do horizonte da sua vida, continuava, mesmo assim, a subir ao morro ao entardecer.

Em “A morta”, é a luta pela liberdade da avó de Mei-Lai, despojada de tudo no rincão da sua terra, que *queria agora um lugar longe, para morrer*,³¹ o que veio a acontecer durante a fuga para Macau.

Também o ódio, como o que Miss Carol, professora de Literatura Inglesa do Colégio, uma anglicana, mestiça de chinesa e inglês, nutria pela directora católica, perpassa pelo conto “Os espelhos”. Miss Carol gostava de correr os dedos finos e leves pelo piano da sala de visitas, que fechava com estrondo sempre que a directora entrava. Dizia-se que esse ódio tinha causa antiga. Mas era o quarto, forrado de espelhos, que deixava perplexas as colegas de profissão. Presentes de algum admirador? Miss Carol era tão solitária! E todos os anos mais um espelho na parede... Em momentos inesperados, com gesto trágico, Miss Carol declamava Shakespeare: *My love is more richer than my tongue!*³² O que verdadeiramente faria Miss Carol frente aos espelhos que forravam o seu quarto era a grande interrogação das suas colegas. Tristeza? Pobreza? Solidão?

Em “Ódio de raça”, de novo e com maior intensidade, o tema do ódio. Tai-Ku, a Filha Primeira, era o amparo do pai, senhor rico, que conservava o hábito de nova mulher em cada nova Lua. Tai-Ku, monja budista, entendia que aquele costume era uma doença e manifestava uma fria indiferença por todas as mulheres que transpunham o pátio da casa. Mas não se dissipava da sua cabeça a memória da invasão da casa paterna pelos japoneses, que provocou a morte da mãe, enterrada sem cerimónias, sem flores e sem bonzos para encomendar a alma a Buda. O ódio aos japoneses passou a acompanhar a sua existência. Um

ORIENTALISM



dia, uma nova mulher entrou em casa. Era japonesa. Seria pecado destruir a inimiga? *Pecado era a filha do invasor habitar a casa que os seus ascendentes haviam ultrajado, ocupar o leito onde a mulher legítima morrera de terror (...). Pecado era a japonesa viver ali, paredes meias com o seu ódio.*³³ Isso, a Filha Primeira não podia aceitar. E preparou o veneno...

O preconceito social, latente e destruidor, acompanha o conto “O filho do Sol”. ‘Ela’ não tem nome, ‘ele’ também não. Era Natal e o frio chegara de repente, como de costume, logo após a noite da consoada. ‘Ele’ falou do Ano Novo Chinês, que seria na próxima lua. *Iriam juntos comprar o ramo de flores de pessegueiro. Sorria.*³⁴ ‘Ela’ não o escutava, absorvida como estava num só pensamento: o filho dele em si.

Dúvidas, diferenças culturais, confusão de sentidos. Refugiado no território, a terra dele era do outro lado do mundo, onde havia neve. *Tão inteligente! E alto e fino. Chinês do Norte?*³⁵ Interrogava-se ‘ela’. O bonzo do pagode profetizara-lhe um destino raro por ‘ela’ confundir os valores do Céu com os valores da Terra. O Deus dela. O Deus dele. Tomara a decisão de se despedir do colégio. Sobre o destino do filho dentro de si, gerado num outono que parecia primavera, teria de ser ‘ela’ a decidir...

É esta gente refugiada – personagens que, no dizer de António Aresta, *viveram num limbo, entre a hostilidade totalitária que os empurrou para fora, e, paradoxalmente, um quinhão meridional dentro da pátria, gerido há séculos por estrangeiros*³⁶ – que Maria Ondina Braga retrata, eliminando, intencionalmente, a componente europeia de Macau.

Outros temas compõem o mosaico narrativo de *A China Fica ao Lado*: as festas de Natal, católico ou chinês, os adivinhos do invisível, a luta diária da população flutuante e o respeito pelos princípios confucianos da piedade filial, ou a serena sabedoria do herbanário, conhecedor das plantas, dos animais e dos elementos, do conto “O dia do grande frio”. No vão da porta, imperturbável, assistia com cepticismo ao regozijo do Ano Novo Lunar, certo de que, concluídas as festividades, muitos voltariam a entrar na sua loja, para que ele acudisse aos efeitos dos excessos cometidos.

Em síntese sugestiva, Urbano Tavares Rodrigues referiu a agradável descoberta de quem leu este *livro refrescante com certa melancolia e autêntica pureza, finura de observação emocionada e concebida, interesse profundo pelos recessos do ser humano, graça, ligeireza e calor de estilo.*³⁷

Nocturno em Macau – romance

Num outro registo, Maria Ondina Braga publicou em 1991 um romance com um título fabuloso, que nos transporta para o entardecer, para a fidelidade à penumbra. *Nocturno em Macau* ficará para a história da literatura, diz-nos Seabra Pereira, *como a*

ORIENTALISMO

*obra-prima e a criação axial de toda a (sua) obra.*³⁸ Há neste romance certas alusões, certos cenários, que nos são familiares, que nos reportam para o livro de contos já referido. Em ambos, a autora parte de uma base segura, o universo educativo, afinal a sua principal ocupação, para interpretar o mundo do lado de fora das paredes do Colégio de Santa Fé.³⁹

Nocturno em Macau assenta, assim, numa dualidade de imagens, que dá ao romance uma dimensão cinematográfica – qual aberto leque chinês a colorir a qualidade literária da narrativa. Ao contrário de *A China fica ao lado*, em que ressalta um claro alheamento da componente europeia, há neste romance referência a portugueses: a mestra-dos-estudos, de seu nome Rosa Mística desde que professara, uma bonita professora de Química, sempre ocupada com os ácidos e com as bases, apressada, *o véu [do hábito] a voejar, uma pomba de leque*, lembrando uma *lavandisca branca*⁴⁰ e insinuando, como explicação para a renúncia ao mundo, um desajuste com esse mundo...; Gandhora, goesa de nascimento, de *perfume denso, gorduroso: benjoim? patchouli?*,⁴¹ viera de Lisboa para ensinar português, viciada em compras, sobretudo porcelana chinesa, subindo todas as manhãs a escadaria do colégio com o coração num aperto para perguntar a Soror Trindade se havia correio para ela e o desconsolo estampado no rosto com a resposta; o tenente Zacarias, de linhagem aristocrática e aparentado com Camilo Pessanha, magro, rijo, respirando saúde, levantando-se de madrugada para o *cross* na Praia Grande, apumado oficial, sem vícios conhecidos; e Ester, professora de inglês, o fio condutor de toda a trama romanesca, e verdadeiro *alter ego* de Ondina. Usando o *sam-lun-ché*,⁴² Ester vai descrevendo imagens contrastantes de Macau, ora da cidade chinesa, da “cidade dos barcos” do Porto Interior, ora da placidez da “cidade cristã”, europeia, da Praia Grande, onde sempre corria uma aragem nos dias abafados de verão.

É Ester que constrói uma ponte com a comunidade chinesa. É ela quem se apaixona por Lu Si-Yuan, chinês refugiado que conhecera durante o tempo que vivera no bairro San Kiu, por altura da sua chegada a Macau. Ester

fora entretanto dar aulas para o colégio em regime de internato. E o contacto com Lu passou a ser mais raro. Num Ano Novo Lunar, em que o acaso os reuniu de novo, Lu Si-Yuan ofereceu-lhe um pé de pessegueiro, um ramo todo púrpura e provocante como uma espada. Depois seguiu-se a carta, atada com fio de seda e entregue por um velho chinês na portaria. Mas não a abriu no momento. Mais tarde, só, no silêncio do seu pequeno quarto, desatou o nó e desenrolou a folha perfumada de papel de arroz, de onde ressaltavam *do fundo branco os ideogramas a tinta-nanquim como um baixo-relevo: linhas irregulares, a prumo, linhas deitadas e paralelas em pauta de música, e arcos, e ângulos, e asas. Uma arquitectura. Um templo de nove pisos e nove vezes nove empenas a perscrutar os ares. Um bosque de bambus depois da chuva.*⁴³

Toda esta candura enfrentava um lado perverso: o preconceito. Gandhora, enciumada com a amizade de Ester por Xiao Hé Huá, professora da escola chinesa, interpelava-a: *Você tem um fraco por chineses, anda muito com essa professora china. Hum... chineses... Que estará por trás daqueles olhos, não me diz? Olhos de rato-cego... Chineses... Preferia andar só.*⁴⁴ Ester descortinou um laço entre Lu Si-Yuan e Xiao Hé Huá. O que os ligava? A identidade étnica? Uma teia de amores, por vezes sugerindo secretas e cruzadas inclinações, atravessa o romance. Que escolha deveria Ester fazer? Zacarias, o tenente português, ou Lu Si-Yuan, homem do Norte, *o porte altivo, o sorriso limpo?* Surpreendeu-se com a estranheza da mestra-dos-estudos quando lhe confessou que amava um chinês: *Um chinês? Será que enlouqueceu? Um chinês mesmo?*⁴⁵

A carta, nunca traduzida, era o elo que a aprisionava a esse amor, a perseguia, lhe povoava os sonhos, a inquietava: seria romântico o seu conteúdo? Românticos os chineses, sem dúvida, e também discretos para exporem os seus sentimentos. *Mas amar um chinês em Macau, uma portuguesa, uma metropolitana! E logo em Macau, nas águas paradas de Macau!*⁴⁶ Ester intuía que havia muitos nós a desatar e decide deixar Macau, esse paraíso do exílio. Antes de partir, porém, um último olhar às ruínas de São Paulo. Queria imaginar se o jovem

ORIENTALISM

que se suicidara na manhã da sua partida *se atirara lá de cima de um golpe como uma estrela-cadente ou se, tal uma ave de grande porte, vasto, o seu voo, e devagar...*⁴⁷

Obra intercultural, na medida em que entretece sinais de forte marca autobiográfica com a representação do conflito gerado no encontro com o ‘outro’ cultural, *Nocturno em Macau* (que recebeu o Prémio Eça de Queirós em 1992), é igualmente, como bem frisou Seabra Pereira, *um romance de demanda e fuga, de mistério e segredo, no coração da grande obra literária - macaense e portuguesa, oriental e universal*.⁴⁸

Conclusão

Entre os temas que cruzam mais significativamente a obra de Maria Ondina Braga ressaltam o da memória e o do Oriente. Na referida entrevista televisiva, Braga recorda que a infância e os lugares por onde peregrinou são elementos constitutivos da sua memória. *Memória involuntária, lugar da minha identidade*, como escreveu em *A Personagem*. O Oriente, ou as alusões ao Oriente como descoberta de um mundo extra-europeu, não podia ser, na sua obra, um *objecto raro*. Advinha naturalmente do dia a dia, do contacto diário com a comunidade chinesa, por via da sua actividade docente, circunstância que a imbuíra de uma profunda *mentalidade oriental*.

Em *Outros Orientalismos*,⁴⁹ Filipa Lowndes Vicente apresenta uma opinião muito pessoal do significado do termo orientalista, considerando não ser fácil defini-lo. Tanto pode ser *um especialista em línguas, como em história, em arqueologia, como em antropologia*, afirmando que nesta sua obra as palavras “orientalismo” e “orientalistas” são por si entendidas *no sentido mais amplo possível, tal como ele era usado no contexto cronológico e geográfico onde se situa, e não no sentido político que Said lhe deu*. Por outras palavras, a autora não se reconhece *num sentido monolítico, feito apenas de conotações negativas e coloniais do orientalismo*, tomando a liberdade de usar esse conceito *sem limitar os seus sentidos*.

Ora, em harmonia com este entendimento aberto do que é o Orientalismo, entendo que a literatura é uma fonte valiosa de pesquisa para o conhecimento de outras

realidades civilizacionais do Oriente. Por isso, analisar Maria Ondina Braga é, por um lado, promover uma obra, cujo eixo principal que a atravessa se insere no conceito de Orientalismo aqui defendido, e, por outro, enriquecer esse conceito através do legado literário que nos deixou. Podemos afirmar que Maria Ondina Braga nunca teria integrado o *cânone autoral da literatura portuguesa contemporânea*,⁵⁰ se não tivesse vivido a realidade de Macau e o quotidiano do mundo chinês. Viveu este último também em Pequim – o livro *Angústia em Pequim* nasceu desses anos na capital – e traduziu Pearl Buck, facto que lhe ampliou a percepção da consistência identitária do povo chinês, *um povo notável, forte, inteligente e activo, cheio de sabedoria*, como disse numa outra entrevista, um povo composto de *homens lentos, homens contínuos*, de que fala o poema “Aos dez mil anos”, de Victor Segalen.⁵¹

É uma mulher, portuguesa, que cresceu literariamente em Macau – *Macau é a minha alma a revelar-se, é toda uma vida de exaltação e de mágoa analisada, revivida, pronta a ser cantada*, escreveu em *Estátua de Sal* –, legando-nos uma escrita tão surpreendente, tão densa, tão rica, tão volumosa, tão informada que não pode cair no perigo *das águas paradas* do esquecimento. A sua extensa bibliografia revela uma personalidade que se coloca na posição de alguém portador de outra história cultural, que durante um tempo vive e convive com uma comunidade com outros referentes culturais. Ao invés de um confronto reactivo, a escritora opta pela aproximação, através da observação inteligente e culta, reconhecendo que o povo chinês se orgulhava da sua pátria, da sua grandeza territorial e histórica.

E reconhece, igualmente, que essa outra realidade tinha de ser observada por um olhar limpo, igual, sem espelhos, para que a imagem saísse despojada de artificios. Aproximou-se, neste sentido, de Edward Said e da sua denúncia da artificialidade dicotómica e intencional, que, como ele teorizou, o Ocidente impôs ao Oriente. Por isso, tendo este artigo o propósito de celebrar Maria Ondina Braga, sublinha, também Edward Said, ensaísta inteligente e arguto que abriu ao mundo intelectual outras esferas de conhecimento e de reflexão. **RC**

ORIENTALISMO

NOTAS

- 1 Jack Goody, *O Oriente no Ocidente* (tradução João Pedro George), Difel, Difusão Editorial, S. A., Maio 2000, 12. Historiador, cientista social e antropólogo (1919-2015), foi professor do St. John's College (Cambridge) e membro da Academia Britânica e da Academia Nacional de Ciências dos EUA. Entre as suas muitas obras, destacam-se, além da referida, *The Logic of Writing and the Organization of Society* (1987), *The Oriental, the Ancient and the Primitive* (1990) e *The European Family: An Historico-Anthropological Essay* (1999).
- 2 *Id, ibidem*, 12.
- 3 *Ob. cit.* “Nota de Apresentação”, Diogo Ramada Curto e João Pedro Grange, II.
- 4 António Manuel Hespanha, *O Orientalismo em Portugal (Séculos XVI-XX)*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999, 16-17.
- 5 Edward W. Said, *Orientalismo - Representações ocidentais do Oriente*, Edições Cotovia, Lda, Lisboa, 2004 (tradução de Pedro Serra), 14.
- 6 *Id, ibidem*, 14.
- 7 Filipa Lowdes Vicente, *Outros Orientalismos - A Índia entre Florença e Bombaim, 1860-1900*, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, Novembro de 2009, 45.
- 8 *Id, ibidem* (Nota 54, 43-44).
- 9 Edward W. Said, *Culture and Imperialism*, Vintage, London, 1993, 407-408.
- 10 *Id, ibidem*, 408.
- 11 Nasceram ambos entre as duas guerras mundiais (Maria Ondina Braga, em Braga, e Edward Said, em Jerusalém), dedicaram-se ao ensino, conheceram mundo, vivenciaram a experiência oriental, pensaram, cada um a seu modo, essa realidade, deixando sobre ela obra meritória, e morreram ambos em 2003.
- 12 Entre outros: Pearl Buck, Graham Greene, Bertrand Russel, John Le Carré, Herbert Marcuse, Anais Nin e Tzvetan Todorov.
- 13 Guerra Junqueiro (1850-1923), *Finis Patriae*.
- 14 Maria Ondina Braga, *Estátua de Sal*, Ulmeiro, Livraria e Distribuidora, Lda., 1.ª edição, 1983, 6.
- 15 *Id, ibid*, 125.
- 16 *Id, ibid*, 126.
- 17 Sairá anos depois, antes dos acontecimentos do ‘1, 2, 3’ de 1966, as ondas de choque da revolução cultural maoísta que acabaram por abalar irreversivelmente a soberania portuguesa naquele enclave.
- 18 In RTP, Série *A Ideia e a Imagem*, Programa “Maria Ondina Braga”, conduzido por Álvaro Manuel Machado, 18 de Maio de 1978.
- 19 Italo Calvino (1923-1985), em *Seis Propostas Para o Próximo Milénio*, [1.ª ed. *Sei proposta per il proximo millennium*, 1988, ed. Companhia das Letras, 1990, trad. Ivo Barroso, 63], explicava os motivos por que admirava Jorge Luis Borges: “Borges é um mestre do escrever breve”. Considerava Calvino que a “narrativa breve” era mais adequada aos nossos tempos, que a literatura se deveria ajustar, na contemporaneidade, à máxima concentração.
- 20 In *Macau - Uma História Cultural*, Aresta, António e Oliveira, Celina Veiga de, Fundação Jorge Álvares, 2009, 76.
- 21 Ver sobre este assunto: *Accommodating Diversity - The People's Republic of China and the 'Question of Macao' [1949-1999]*, de Francisco Gonçalves Pereira, 2013; “Macau e a visão do colonialismo português por Charles Ralph Boxer”, de Celina Veiga de Oliveira, in *Revista de Cultura*, edição internacional RC147, 2014, In Memory of Charles R. Boxer, 24-44.
- 22 In *Figuras de Jade - Os Portugueses no Extremo Oriente*, de António Aresta, Instituto Internacional de Macau, Lisboa, 2014, 132.
- 23 In *A China Fica ao Lado*, Instituto Cultural de Macau, 4.ª edição, Macau, 1991, 12.
- 24 *Id, ibid.*, 11.
- 25 *Fân-siu* é uma embarcação chinesa (junco, em português), que era usada na pesca e servia também de habitação.
- 26 *Id, ibid*, 40.
- 27 *Id, ibid*, 41.
- 28 *Id, ibid*, 35.
- 29 Maria Ondina Braga, *Eu Vim Para Ver a Terra*, Agência-geral do Ultramar, Lisboa, 1965, 118.
- 30 *Id, ibid*, 53.
- 31 *Id, ibid*, 75.
- 32 *Id, ibid*, 19.
- 33 *Id, ibid*, 25.
- 34 *Id, ibid*, 46.
- 35 *Id, ibid*, 46.
- 36 *Figuras de Jade. Os Portugueses no Extremo Oriente*, ed. Instituto Internacional de Macau, 2014, 133.
- 37 Urbano Tavares Rodrigues, texto de contracapa da 4.ª edição de *A China Fica ao Lado - contos*, Instituto Cultural de Macau, Macau, 1991.
- 38 José Carlos Seabra Pereira, *O Delta Literário de Macau*, Instituto Politécnico de Macau, Macau, 2015, 260.
- 39 O nome do Colégio de Santa Fé é uma alusão directa ao Colégio da Santa Rosa de Lima, onde Maria Ondina Braga leccionou durante alguns anos. Esta escritora foi também tradutora, tendo inclusivamente traduzido o livro *A Mãe*, de Pearl Buck, de onde extraiu informação sobre usos e costumes da população chinesa.
- 40 Maria Ondina Braga, *Nocturno em Macau*, Editorial Caminho, Lisboa, 1991, 14.
- 41 *Id, ibid*, 14.
- 42 Um triciclo puxado por um chinês, meio de transporte muito usual em Macau.
- 43 *Id, ibid*, 57.

ORIENTALISM

- 44 *Id, ibid*, 29.
 45 *Id, ibidem*, 145.
 46 *Id, ibid*, 41.
 47 *In Nocturno em Macau*, 216.
 48 *In O Delta Literário de Macau*, 279.
 49 *In Outros Orientalismos: A Índia entre Florença e Bombaim, 1860-1900*, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2009, 46.
- 50 *In O Delta Literário de Macau*, 258.
 51 Cit. por Simons Leys, in *Ensaios sobre a China*, 15. Excerto do poema a que se faz referência: *Rien d'immobile n'échappe aux dents affamés des âges. La durée n'est point le sort du solide. L'immuable n'habite pas vos murs, mais en vous, hommes lents, hommes continuels*. A tradução para a língua portuguesa é de Pedro Tamen.

BIBLIOGRAFIA

- Aresta, António, *Figuras de Jade*, Instituto Internacional de Macau, Lisboa, 2014.
 Aresta, António e Oliveira, Celina Veiga de, *Macau-Uma História Cultural*, Editorial Inquérito, Lisboa, 2009.
 Braga, Maria Ondina, *A China Fica ao lado*, Instituto Cultural de Macau, 4.ª edição, Macau, 1991.
 Braga, Maria Ondina, *Nocturno em Macau*, Editorial Caminho, S. A., 2.ª edição, Lisboa, 1993 (Prémio Literário Eça de Queirós).
 Braga, Maria Ondina, *Estátua de Sal*, Ulmeiro, Livraria e Distribuidora, Lda, 1.ª edição, 1983.
 Braga, Maria Ondina, *A Personagem*, Livraria Bertrand, S.A.R.L., Amadora, Janeiro de 1978.
 Braga, Maria Ondina, *Eu Vim Para Ver a Terra*, Agência-Geral do Ultramar, 1965.
 Calvino, Italo, *Seis propostas para o próximo milênio*, Companhia das Letras, 1990, 1.ª ed. *Sei proposta per il prossimo millennio*, 1988 (*Lezione americana*), trad. Ivo Barroso.
 Goody, Jack, *O Oriente no Ocidente* (tradução João Pedro George), Difel, Difusão Editorial, S. A., Miraflares, Maio, 2000.
 Hespanha, António Manuel, *O Orientalismo em Portugal (Séculos XVI-XX)*, Ciclo de Exposições Memórias do Oriente, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses / Câmara Municipal do Porto, 1999.
 Leys, Simon, *Ensaios sobre a China*, Edições Cotovia, Lda, Lisboa, 2005.
 Oliveira, Celina Veiga de, “Macau e a visão do colonialismo português por Charles Ralph Boxer”, in *Revista de Cultura, edição internacional RCI47*, 2014.
 Pereira, Francisco Gonçalves, *Accomodating Diversity - The People's Republic of China and the 'Question of Macao'[1949-1999]*, ed. Centro Científico e Cultural de Macau, I.P., Lisboa, 2013.
 Pereira, José Carlos Seabra, *O Delta Literário de Macau*, Instituto Politécnico de Macau, Macau, 2015.
 Ramos, Manuela Delgado, *António Feijó e Camilo Pessanha no Panorama do Orientalismo Português*, Fundação Oriente, Lisboa, 2001.
 Said, Edward W., *Orientalismo. Culture and Imperialism*, Vintage, London, 2004.
 Said, Edward W., *Orientalismo. Representações ocidentais do Oriente*, Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 2004.
 Vicente, Filipa Lowdes, *Outros Orientalismos - A Índia entre Florença e Bombaim, 1860-1900*, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, Novembro de 2009.